

# **O TRABALHO DOCENTE NUM PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONTRADIÇÕES E PERSPECTIVAS**

**Daiana Rodrigues dos Santos Prado<sup>1</sup>; Francine de Paulo Martins<sup>2</sup>**

Estudante do Curso de Pedagogia; e-mail: daianaprado28@hotmail.com

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: francinedepaulo@uol.com.br

**Área do Conhecimento:** Educação

**Palavras-chave:** Trabalho docente; Saberes; Educação não-formal;

## **INTRODUÇÃO**

Em consonância aos direitos educacionais assegurados pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a promulgação da LDBEN nº 9394/96 amplia a Educação de Jovens e Adultos e aos sistemas de ensino são atribuídos os deveres da gratuidade, oportunidades educacionais apropriadas às características dos discentes e um currículo com base nacional comum. Porém, estudos realizados por Castro (2009) evidenciam que o Brasil ainda apresenta números elevados de pessoas analfabetas (cerca de 14 milhões de pessoas) e a média de anos de estudo da população brasileira de 15 anos ou mais, em 2007 resultou numa média de 7,3 anos, sendo inferior a escolarização mínima e obrigatória estabelecida por lei. Isto prova que o analfabetismo em nosso país ainda é um dos grandes problemas educacionais e sociais, que deve ser enfrentado para possibilitar a todos, sem distinção, o direito ao saber. Castro (2009) aponta que alguns desafios ainda presentes após a universalização do acesso à escola precisam ser superados, como a inclusão das crianças que permanecem fora das instituições de ensino; a baixa eficácia na alfabetização dos alunos matriculados e a ausência da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na metade dos municípios brasileiros. Diante desta situação educacional, surge a Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA) em forma de projetos auxiliares, mobilizados em parceria por órgãos oficiais de educação e o terceiro setor, cujo objetivo é o de alfabetizar os jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram a escolarização na idade certa. Esses projetos assumem o papel de fomentar as ações de inserção social dos alunos vinculadas ao processo de alfabetização e a continuidade dos estudos, reduzindo assim a taxa de analfabetismo no país. Embora considerada modalidade de educação não-formal, a AJA torna-se muitas vezes atrativa por não desenvolver ações formais de uma escola como provas, promoção e retenção dos discentes. Além de configura-se uma forma alternativa de busca por conhecimento para os jovens e adultos, a AJA torna-se, em alguns casos, uma possibilidade de ingresso na carreira docente e a busca por experiências que aproximem a aprendizagem da docência pelos alfabetizadores.

## **OBJETIVOS**

- Compreender como os professores percebem o trabalho docente na AJA e a importância que atribuem a ele;
- Identificar e analisar os saberes que os professores mobilizam para o trabalho com alfabetização de jovens e adultos.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com enfoque na técnica de grupo de discussão. Os dados foram coletados por meio de um roteiro e um questionário contendo perguntas a respeito do perfil pessoal e profissional. O encontro foi registrado, mediante consentimento do grupo, por meio de gravador de áudio. Os dados coletados foram

analisados e organizados em duas categorias: O alfabetizador de jovens e adultos: aprendendo a ser professor; e Construção e mobilização dos saberes docentes. A pesquisa foi realizada com dez alfabetizadores voluntários atuantes no Programa Alfabetiza São Paulo, desenvolvido pela Associação Alfabetização Solidária em parceria com a Universidade de Mogi das Cruzes, no período de agosto de 2010 a dezembro de 2011.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O alfabetizador de jovens e adultos: aprendendo a ser professor

O Programa AJA, enquanto modalidade não-formal de educação, constitui-se não só como um espaço alternativo para os jovens e adultos que buscam a apropriação da leitura e da escrita e sua prática social, mas também como uma possibilidade e espaço de aprendizagem da docência, de experiências diversificadas e motivadoras. A possibilidade de nova experiência profissional e o desejo de lecionar para adultos constituem-se como as principais causas que levaram os docentes a se tornarem alfabetizadores de jovens e adultos no programa em questão, além da oportunidade de iniciar a profissão docente, pois dos 10 alfabetizadores apenas quatro já lecionavam, os demais assumiram pela primeira vez uma sala de alfabetização.

*"Eu sempre fui alfabetizadora, mas de criança [...] percebi que era uma oportunidade de trabalho, novo ofício dentro da educação..." (A 7)*

*"Eu já era formado em História, mas nunca tinha dado aula e tive a oportunidade de dar início como professor..." (A 4)*

Apesar da vontade e das expectativas docentes sobre o ensino de adultos, todos os alfabetizadores se depararam com os desafios educacionais relacionados às especificidades da AJA, o que exigiu a capacitação dos alfabetizadores e sua formação continuada, uma vez que o contato com a educação de jovens e adultos foi pequeno ou não foi possível no curso de formação inicial.

*"Eu, especificamente, não tive na graduação o específico pra EJA, nunca tive, mesmo porque eu fiz Pedagogia, na época, com habilitação para educação infantil..." (A 7)*

*"Foi muito pouco... Só no último semestre que fizemos estágio na EJA, poucas horas." (A 10)*

Esta fragilidade quanto à formação docente vem sendo suprida dentro do Projeto em consonância à necessidade de uma formação continuada e aos aspectos relevantes à vida dos alunos integrantes do projeto. Estes espaços formativos oferecidos pelo programa de Alfabetização de Jovens e Adultos são valorizados por todos os alfabetizadores que julgam como ações imprescindíveis para o entendimento e teorização das práticas desenvolvidas em sala de aula.

*"O que eu aprendi foi aqui no Projeto!" (A 1)*

*"A formação que nós temos aqui (programa), acho que é fundamental" (A 10)*

Para Imbernón (2009) o reconhecimento das especificidades de formação docente e a existência dos espaços na qual elas ocorrem, significa compreender a possibilidade dos professores tornarem-se agentes sociais; planejadores; construtores de conhecimentos tanto individuais como coletivos e gestores do ensino e da aprendizagem. A importância e oferecimento da formação em serviço tornam-se uma possibilidade de fomentar os conhecimentos que são requeridos a partir da atuação docente e dos desafios da prática na AJA. Algumas contribuições dessas formações são evidenciadas:

*"... você vai pegando a prática vai juntando com a teoria e as coisas vão ficando mais fáceis, acaba compreendendo melhor o que é alfabetização de adultos [...] esta etapa de formação é a base. É nesse tipo de discussão que o projeto proporciona, essa característica de vir, reunir o grupo, discutir um determinado assunto, eu acho que é crucial, extremamente importante para a nossa formação." (A 7)*

Os questionamentos e investigações acerca do trabalho pedagógico exigem do alfabetizador o entendimento de suas ações reais que ocorrem no âmbito prático sendo determinado pela teorização. Além disso, os olhares diferenciados, quando explicitados e confrontados favorecem reflexões acerca da própria formação pessoal e profissional e da prática docente, conforme as falas a seguir.

A 2: “A função da escola, no meu ver, é ensinar e não educar”. (A 2)

A10: “... se eu tô nessa área eu tenho que me esforçar, dar o máximo pra dar conta de tudo.”

Assim sendo, apesar de o Programa AJA configurar-se como uma educação não-formal as ações desenvolvidas pelos alfabetizadores e coordenadores são de grande formalidade e exigem a construção e mobilização dos saberes para atuarem e atingirem os objetivos do projeto, por isso há necessidade da investigação e análise dos saberes envolvidos neste grupo de alfabetizadores para a compreensão do trabalho desenvolvido no programa.

### **Construção e mobilização dos saberes docentes**

O exercício da docência e os resultados das práticas educativas estão diretamente ligados aos saberes adquiridos pelos professores e a mobilização destes. Ao serem solicitados a falar sobre o que é ser um alfabetizador de adultos, aspectos positivos são revelados:

“Aprendizagem, todos os dias eu aprendo com eles (alunos), acho que eles me ensinam mais...” (A 7)

“Pra mim é uma lição de vida, porque são amigos também.” (A 8)

“Ser alfabetizador é você ver o avanço do aluno, do jovem, do adulto todo dia...” (A 6)

Esse ensino recíproco, além de transformar a prática pedagógica desenvolvida pelos professores e os saberes construídos pelos discentes, resulta na modificação da formação humana dos indivíduos envolvidos no processo tanto de ensino quanto de aprendizagem. A consideração e respeito à individualidade dos alunos é ressaltado pelos alfabetizadores como um saber necessário ao trabalho na AJA e se constitui como um saber profissional

“... eles (alunos especiais na AJA) têm objetivos muitos deles [...] é importante a gente ta lá e poder passar o melhor que a gente tem.” (A 1)

“Então é assim, é agradar mas sem fugir também do seu objetivo.” (A 7)

“É através do motivo de cada aluno, cada aluno tem um motivo lá...” (A 11)

O respeito e a valorização das características individuais dos discentes contribuem para o resgate da singularidade deles e favorece o reconhecimento da importância do trabalho docente realizado no Programa. Segundo Roldão (2007), o atendimento à singularidade de cada situação exige do professor a mobilização dos saberes já adquiridos e a transformação destes em fundamento de suas ações; firmando assim o ato de ensinar que é caracterizado pela construção de um processo de aprendizado por outro sujeito. De acordo com Shulman (1994), a base do conhecimento para o ensino não é fixa e nem final, mas deve convergir com os propósitos da educação, com os métodos e as estratégias educacionais, além de orientar as escolhas e ações a serem desenvolvidas. Saberes referentes à Psicogênese da Língua Escrita e o processo de letramento vinculado à alfabetização também são explicitados pelo grupo de alfabetizadores:

“O primeiro passo é a sondagem [...] a partir daí eu comecei a pesquisar e comecei a fazer o ler sem saber ler...” (A 6);

“Os próprios gêneros, a diversidade dos gêneros que a gente busca trabalhar e respeitando a idade deles, trazendo receitas, contos de adultos mesmo e ampliando e ofertando esses tipos de textos com o intuito de apreciação, de interpretação de texto, é o próprio letramento que a gente busca com isso. (A 7)

Os saberes docentes relacionados aos processos de letramento e alfabetização exigem dos professores o trabalho acerca dos conhecimentos significativos para os alunos e a necessidade do papel do docente enquanto pesquisador:

“... é preciso você pesquisar, você usar o meio, as oportunidades, como eu falei anteriormente, de ta ampliando o conhecimento desse aluno, então o meio, um dos meios mais importante é você ver as oportunidades, por exemplo, aproveitar coisas da hora janta [merenda], da fruta, falar dos legumes, é uma ideia.” (A 6)

“... eu acho que é isso, você tem que ir lá pegar o que o seu cliente [aluno] quer pra você proporcionar, então tem que ser pesquisador, você tem que pesquisar em tudo.” (A 5)

Embora o trabalho desenvolvido no Programa AJA tenha como objetivo principal a alfabetização dos jovens e adultos, há contradições em relação às concepções e saberes dos alfabetizadores quanto à aprendizagem dos discentes. Para alguns alfabetizadores, cabe ao docente a função de sempre despertar o interesse dos alunos em aprender e oferecer condições reais para que isto ocorra. Para Roldão (2007, p. 94) “...o

caracterizador distintivo do docente, relativamente permanente ao longo do tempo, embora contextualizado de diferentes formas, é a *acção de ensinar*.”

“(…) a gente tem que ter, ter muito claro qual que é o nosso papel dentro da escola…” (A 7)

“... acho que o diferencial é esse, acreditar que o aluno é capaz de aprender, por algum motivo.” (A 10)

Em contrapartida, alguns professores ao falar do desinteresse dos alunos, isentam-se dos resultados do processo de ensino e aprendizagem e culpabilizam o educando pela não aprendizagem, sendo que esta última só ocorre se houver o ensino, que é uma responsabilidade do docente.

“Mas a gente tá falando de pessoas que não conseguem, tem gente que não vai se alfabetizar de jeito nenhum, vai acabar pintando um quadro...” (A 2)

“Ele não quer!” (A 9)

O fato é que, a “incapacidade” de aprender a leitura e a escrita e fazer uso destas colocam os alunos numa condição de fracasso que deve ser analisada em toda a sua complexidade.

Os saberes expressos pelo grupo de alfabetizadores podem ser entendidos como um conjunto de conhecimentos interpretados pelos próprios docentes, como o respeito e atendimento à singularidade dos alunos; o processo de alfabetização associado ao processo de letramento; o papel docente enquanto pesquisador, a função docente em ensinar a todos sem distinção, além das diferentes fontes do conhecimento.

## CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou que, embora o trabalho docente seja desenvolvido num projeto de educação não-formal, as ações são de grande formalidade e exigem dos alfabetizadores saberes específicos para uma efetiva atuação. Além da oportunidade do início da carreira docente para alguns professores, a atuação no programa agregou conhecimentos profissionais para a maioria dos alfabetizadores, configurando-se uma importante oportunidade para a aprendizagem da docência e, ao mesmo tempo, de viverem situações reais de ensino, diferentes das experimentadas na formação inicial ou em outros níveis de ensino. O trabalho docente na AJA suscitou o reconhecimento da necessidade de conhecimentos e saberes específicos para atuação com jovens e adultos, e ganha importância à medida que oferece possibilidades de profissionalização aos alfabetizadores; favorece a resignificação do olhar acerca dos saberes já construídos. Possibilitou o reconhecimento da necessidade de novos saberes em virtude da participação no projeto; possibilidade de questionamentos, reflexões e investigação sobre as ações educacionais tal como ocorrem na sala de aula; além da modificação do trabalho docente e de si próprio durante a aprendizagem em serviço. Fica evidente que a formação inicial não supre as necessidades formativas para a atuação com jovens e adultos, especialmente no que se refere à alfabetização. A importância atribuída às formações continuadas oferecidas pelo programa revela a necessidade da formação continuada na docência, o que favorece a construção de novos saberes, possibilidades de discussões, reflexões e articulação da teoria e da prática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, J; A. **Evolução e Desigualdades na Educação Brasileira**. Campinas, vol. 30, n.108, p. 673-697, out. 2009. Disponível em [HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)

IMBERNON, F. A Formação de Professores para a nova Permanente Nova Carreira e Coletiva. Departamento de Didática e Educação da Universidade de Barcelona. **Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP – Vol. 1, n. 1, p. 31-42, Maio/2009**

ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 12, n. 34, p. 94-103, jan./ abr. 2007.

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of the New Reform. In: SHULMAN, L. S. **The Wisdom of practice**: essays on teaching, learning, and learning to teach. San Francisco: Jossey-bass, 1994. Tradução livre.